

# APAGAMENTO DE COMPLEMENTIZADOR NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

André Luis Antonelli (USP/FAPESP)  
a\_antonelli28@yahoo.com.br

## 1. Introdução

Em orações subordinadas completivas finitas, diversas línguas românicas permitem a omissão do complementizador. Tal fenômeno, conhecido como Apagamento de Complementizador (doravante AC), é exemplificado em (1) e (2) com dados do espanhol e do italiano, respectivamente.

- (1) *Lamento* [ (*que*) *no estás contenta con tu trabajo* ] (BROVETTO, 2002:34)  
lamento que não esteja-2p.s contente com seu trabalho  
“Eu lamento que você não esteja contente com seu trabalho.”
- (2) *Credo* [ (*che*) *abbia già parlato con te* ] (POLETTO, 2001:267)  
creio que tenha-3p.s já falado com você  
“Eu creio que ele já tenha falado com você.”

Cabe destacar que esse não é um fenômeno exclusivo de línguas românicas modernas. No português clássico, por exemplo, dados semelhantes a (1) e (2) também são atestados, como se vê em (3).<sup>1</sup>

- (3) a. *entendi* [ *que não tinham contradição suas queixas* ] (ANTONELLI, 2011:103, 163)  
b. *veyo a entender* [ *hauia muyto que cortar* ]

O fenômeno de AC tem sido o foco de vários estudos no âmbito da gramática gerativa. Em particular, uma questão frequentemente levantada é se, na ausência de um complementizador visível, estamos ainda diante de uma estrutura subordinada que manifesta um sistema CP, isto é, uma camada periférica. A discussão em torno da estrutura de orações sem complementizador no italiano é bem ilustrativa desse debate. Por exemplo, Poletto (2001) argumenta que orações manifestando AC apresentam um traço [-realis] na periferia da sentença. Em sua proposta, a autora defende que tal traço é satisfeito pelo verbo, que se move para o sistema CP sempre que o complementizador não é acionado na derivação de uma sentença subordinada completiva. Nessa análise, o processo de movimento do verbo para C em orações sem *che* implica na presença de uma estrutura periférica. Já Giorgi & Pianesi (2004) propõem que orações subordinadas completivas sempre apresentam um traço de modo. Em orações introduzidas pelo complementizador visível, tal traço é especificado no núcleo C, sendo checado pelo próprio complementizador *che*. Para as orações manifestando AC, os autores defendem que o núcleo Agr, além de seus traços *phi*, também viria especificado com o traço de modo originalmente presente em C. Nessa análise, ao se mover para Agr a fim de satisfazer os traços *phi* desse núcleo, o verbo também satisfaria o traço de modo. Ou seja, dentro dessa proposta, a presença de um CP torna-se completamente dispensável, já que o movimento de V para Agr, e não para C, como propõe Poletto (2001), satisfaria o traço de modo especificado no próprio domínio flexional.

No presente trabalho, o objetivo da discussão é verificar se, no conjunto das línguas românicas aqui apresentadas, isto é, no espanhol, no italiano e no português clássico, orações subordinadas manifestando AC correspondem a um CP complemento ou simplesmente a um IP finito (isto é, orações que não apresentam a camada CP). Embora existam trabalhos que já tenham

<sup>1</sup> A noção de português clássico adotada neste trabalho é a de um período gramatical que se estende do século 14 até o fim do século 17 (cf. GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006).

olhado para o fenômeno de AC em cada uma das três línguas em questão,<sup>2</sup> resta ainda uma investigação que mostre se é possível tratá-lo de maneira uniforme ou não nesse grupo de línguas. Tendo como inspiração algumas propostas já feitas para línguas específicas, em particular as de Poletto (2001) e Cocchi & Poletto (2002) para o italiano e Antonelli (2011) para o português clássico, a nossa hipótese é que as três línguas românicas aqui investigadas se caracterizam por apresentar uma estrutura periférica em orações sem complementizador, em razão de movimento do verbo para o sistema CP. Seguindo a proposta cartográfica para a periferia da sentença (cf. RIZZI, 1997), defenderemos que a operação de movimento do verbo para a camada CP leva os núcleos periféricos Force e Fin a serem projetados de maneira sincrética. Como mostraremos, um resultado dessa proposta é que teremos uma explicação unitária para um fato observado no espanhol, no italiano e no português clássico, a saber: a impossibilidade de sintagmas deslocados nas sentenças que manifestam o fenômeno de AC.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira. Na seção 2, apresentaremos evidências de que, no grupo de línguas investigadas, o fenômeno de AC corresponde ao instanciamento de sentenças com uma estrutura periférica. A seção 3 é dedicada a discutir um possível contra-argumento à hipótese de CP complemento, relacionado à impossibilidade de sintagmas deslocados em orações sem complementizador. Nessa seção, detalharemos a nossa proposta de movimento do verbo para o sistema CP. À guisa de conclusão, apresentaremos algumas considerações finais na seção 4.

## 2. CP ou não CP

Nesta seção, o objetivo principal é apresentar argumentos que evidenciem, seja para o espanhol, seja para o italiano, seja para o português clássico, a presença do sistema CP em orações sem complementizador.<sup>3</sup> Inicialmente, apresentaremos uma evidência relacionada à possibilidade de extração de sintagmas para a oração matriz a partir da oração sem complementizador. A segunda evidência vem de fatos relacionados à ordem linear de advérbios. Na apresentação desse segundo argumento em particular, defenderemos a idéia de movimento do verbo para a camada CP em orações manifestando AC.

### 2.1. Extração de Sintagmas

Dentro da tradição gerativista, trata-se de uma visão amplamente aceita a ideia de que, numa sentença como (4a), o movimento do sintagma *-wh* ocorre de maneira cíclica da oração subordinada até a oração matriz. Em termos de implementação teórica, costuma-se assumir que o constituinte interrogativo, ao ser alçado para o especificador de CP da oração raiz, passa antes por uma posição de especificador intermediária no sistema CP da oração encaixada (cf., entre outros, RIZZI, 1990, 2004).

(4) a. *O que o João disse que a Maria comprou?*

---

<sup>2</sup> Em relação ao espanhol, cf. Torrego (1983) e Brovotto (2002); em relação ao italiano, cf. Poletto (2001), Cocchi & Poletto (2002) e Giorgi & Pianesi (2004); em relação ao português clássico, cf. Antonelli (2011).

<sup>3</sup> No tocante ao português clássico, baseamos a nossa investigação a partir de corpus composto de seis fontes escritas, a saber: (i) *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, nascido em 1510; (ii) *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires*, de Luis de Sousa, nascido em 1556; (iii) *Gazetas*, de Manuel Galhegos, nascido em 1597; (iv) *Sermões*, de Antônio Vieira, nascido em 1556; (v) *Relação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Ellena da Crus*, de Maria do Ceu, nascida em 1658; e (vi) *A Vida do Padre Antônio Vieira*, de André de Barros, nascido em 1675. Todos os textos consultados se encontram no Corpus Tycho Brahe, um corpus histórico do português disponível em formato eletrônico ([www.tycho.iel.unicamp.br](http://www.tycho.iel.unicamp.br)). Do corpus investigado, foram coletadas 139 orações subordinadas manifestando o fenômeno de AC.

- b. [<sub>CP</sub> *O que* *o João disse* [<sub>CP</sub> *t* *que a Maria comprou t* ]]

Uma evidência favorecendo esse tipo de análise vem do comportamento de línguas V2 em relação à extração de sintagmas *-wh*. O efeito V2, em termos puramente descritivos, corresponde a uma restrição de ordem de palavras determinando que, numa oração finita, o verbo flexionado seja obrigatoriamente precedido por um sintagma. No alemão, por exemplo, esse fenômeno pode ser observado em sentenças declarativas matrizes, como ilustrado em (5).

- (5) a. *Ich habe schon letztes Jahr diesen Roman gelesen* (ROBERTS, 1993:5)  
 eu tenho já passado ano este livro lido  
 “Eu li este livro já no ano passado”
- b. *Diesen Roman habe ich schon letztes Jahr gelesen*
- c. *Schon letztes Jahr habe ich diesen Roman gelesen*
- d. \**Schon letztes Jahr ich habe diesen Roman gelesen*

A análise padrão do efeito V2, inspirada nos trabalhos pioneiros de Thiersch (1978) e den Besten (1983), é que tal restrição derive de movimento do verbo para o núcleo periférico C, movimento este acompanhado do fronteamento de um constituinte qualquer para [Spec,CP] (cf., entre outros, ROBERTS, 1993; VIKNER, 1995). Como resultado, teríamos a ordem linear em que o verbo é precedido por apenas um constituinte. Para o alemão, essa análise parece se confirmar tendo em vista o fato de que, em orações subordinadas introduzidas pelo complementizador *daß* “que”, a ordem V2 não é licenciada, com o verbo finito aparecendo em posição final, como exemplificado em (6).<sup>4</sup>

- (6) *Er sagt, [ daß die Kinder diesen Film gesehen haben ]* (VIKNER, 1995:66)  
 ele diz que as crianças este filme visto têm  
 “Ele diz que as crianças viram este filme”

Aceitando-se que o complementizador é concatenado no núcleo C da oração encaixada, logo não há espaço estrutural para o movimento do verbo até o CP da oração subordinada, o que bloquearia, então, a derivação da ordem linear V2 nesse tipo de sentença dependente. Já em orações matrizes, uma vez que não há um complementizador em C impedindo o movimento do verbo, a ordem V2 é, por consequência, derivada de maneira categórica. Ou seja, a ideia de que a ordem V2 resulte de operações no domínio de CP explica de maneira elegante a assimetia matriz/subordinada em relação ao licenciamento desse fenômeno. É interessante observar que, no alemão, quando não há um complementizador introduzindo a sentença encaixada, como em (7), tem-se necessariamente a ordem linear V2. Como facilmente se percebe, esse fato é esperado dentro da análise padrão do efeito V2, já que o CP da oração subordinada não apresentaria um elemento nuclear capaz de bloquear o movimento do verbo e, conseqüentemente, o licenciamento da ordem V2 nesse contexto.

- (7) *Er sagt, [ die Kinder haben diesen Film gesehen ]* (VIKNER, 1995:66)  
 ele diz as crianças têm este filme visto  
 “Ele diz que as crianças viram este filme”

No que diz respeito à hipotética ciclicidade da extração de constituintes *-wh* de uma oração encaixada para a oração matriz, os fatos relativos à ordem V2 no Alemão colocam-nos diante de duas possibilidades. Se de fato o movimento do elemento *-wh* é cíclico, isto é, via [Spec,CP] da oração dependente, espera-se que esse tipo de extração só seja possível a partir de orações

<sup>4</sup> O alemão é uma língua SOV no contexto de sentenças subordinadas.

subordinadas que não licenciam a ordem V2. A ideia é que apenas em tal configuração haja uma posição intermediária disponível por onde sintagma *-wh* frontado possa se mover. Por outro lado, se o movimento não ocorre de maneira cíclica, não se tem razão para esperar o bloqueio da extração de elementos *-wh* a partir de orações subordinadas que apresentam a ordem V2. Como se vê no contraste apresentado entre (8) e (9), o frontamento de sintagmas interrogativos só ocorre a partir de orações dependentes que não manifestam a ordem V2, o que confirma, portanto, o caráter cíclico da extração de elementos *-wh*.

(8) *Wie hat sie gesagt [ daß die kinder Geschichte t gelernt haben? ]* (VIKNER, 1995:109)  
 como tem ela dito que as crianças história cv aprendido têm  
 “Ela disse que as crianças têm aprendido história como?”

(9) \**Wie hat sie gesagt [ die kinder haben Geschichte t gelernt? ]*

Essas considerações sobre a natureza cíclica do movimento de elementos *-wh* nos abre um caminho interessante para verificarmos se orações subordinadas sem complementizador no espanhol, no italiano e no português clássico apresentam um sistema CP ou não. Considerando-se que a extração de constituintes interrogativos a partir de uma oração dependente para a oração matriz pressupõe a presença de uma camada CP subordinada, em razão da ciclicidade desse tipo de movimento, podemos fazer uma previsão no que diz respeito à existência ou não de uma estrutura periférica em sentenças manifestando AC. Caso tais orações sejam um CP complemento, espera-se que elas admitam a extração de elementos interrogativos, já que, por hipótese, haveria um espaço estrutural na periferia da sentença encaixada que permitiria o movimento cíclico do sintagma *-wh*. Por outro lado, caso orações manifestando AC se caracterizem como um IP complemento, sem uma camada periférica, espera-se que a extração de constituintes *-wh* não seja possível. Os dados em (10) e (11) mostram que, no espanhol e no italiano, respectivamente, é possível o frontamento de elementos interrogativos a partir da oração subordinada sem complementizador para a oração principal, o que favorece a hipótese de que, nessas duas línguas, sentenças manifestando AC correspondem a um CP complemento.

(10) *¿Qué libro lamentas [ no haya leído t? ]* (BROVETTO, 2002:41)  
 qual livro lamenta-2p.s não haja-3p.s lido cv  
 “Qual livro você lamenta que ele não tenha lido?”

(11) *Come credevi [ fosse scappato Gianni t? ]* (GIORGI & PIANESI, 1997:253)  
 como acreditou-2p.s tenha escapado Gianni cv  
 “Você acredita que o João tenha escapado como?”

No caso do português clássico, a princípio parece que estamos diante de um caso distinto. Dizemos isso pois, no corpus que investigamos, não atestamos a extração de sintagmas *-wh* a partir de orações dependentes sem o complementizador *que*. A ausência desse tipo de dado poderia ser tomada como uma evidência de que, nessa língua, o fenômeno de AC corresponde, em termos estruturais, à instanciação de um IP complemento, ao contrário do que propomos para o espanhol e o italiano. A nosso ver, porém, essa hipótese não se sustenta em razão de um tipo de dado que atestamos no nosso corpus. Como se vê em (12), o português clássico admite o frontamento de um sintagma não interrogativo a partir de uma oração encaixada sem *que* para a periferia da oração matriz.

(12) *Tanto amor sabem aqueles Índios [ lhes têm os Padres t ]*

Seguindo a proposta de Kato & Raposo (2007) para o português europeu moderno, defendemos que, no português clássico, o frontamento de sintagmas não interrogativos sem

retomada pronominal, como exemplificado em (12), é uma construção derivada de movimento, em que o elemento alçado para a oração matriz deixa para trás uma cópia. Nesse sentido, há uma aproximação com o que se entende a respeito da extração de elementos *-wh*, operação esta que também resulta de movimento. No presente trabalho, assumimos que o fronteamo de sintagmas não interrogativos, quando a partir de uma oração subordinada, também se dá de maneira cíclica por meio de um CP intermediário. Dentro desse pressuposto, o dado em (12) serve como evidência de que orações manifestando AC no português clássico também instanciam uma camada periférica, tal como proposto para o espanhol e o italiano.

## 2.2. *Ordem Linear de Advérbios*

Outra propriedade interessante do fenômeno de AC nas línguas românicas investigadas aqui diz respeito à ordem linear de advérbios em relação ao verbo finito da oração sem o complementizador. Nesse contexto, advérbios aparecem de forma categórica à direita do constituinte verbal, como exemplificado de (13) a (15), respectivamente, para o espanhol, o italiano e o português clássico.

- (13) a. *Lamento* [ *cante* *siempre* *Luis* ] (GALLEGO, 2007:205)  
 lamento cante-3p.s sempre Luis  
 “Eu lamento que o Luis sempre cante.”  
 b. \**Lamento* [ *siempre* *cante* *Luis* ]
- (14) a. *Credo* [ *lo* *facia* *sicuramente* ] (POLETTO, 2001:274)  
 creio o-CL faça-3p.s certamente  
 “Eu acredito que certamente ele faça isso”  
 b. \**Credo* [ *sicuramente* *lo* *facia* ]
- (15) *remédio da água, que dissemos* [ *tinha* *sempre* *a cabeceira* ]

É interessante observar que os mesmos advérbios que ocorrem categoricamente à direita do verbo em orações manifestando AC podem ocorrer à esquerda do verbo em sentenças introduzidas pelo complementizador. Essa diferença pode ser confirmada comparando-se os exemplos de (16) a (18).

- (16) *Lamentó* [ *que* *siempre* *se cuestionen* *sus actuaciones* ]<sup>5</sup>  
 lamentou que sempre se-CL questionem suas atuações  
 “Ele lamentou que as suas ações sempre sejam questionadas”
- (17) *Credo* [ *che* *sicuramente* *lo* *facia* ] (POLETTO, 2001:274)  
 creio que certamente o-CL faça  
 “Eu acredito que certamente ele faça isso”
- (18) *dizia* [ *que o seguir extremos* *sempre* *fora* *estranhado dos bons costumes* ]

Essa diferença entre orações sem complementizador e orações com um complementizador visível também abre um caminho interessante para determinar a real estrutura de sentenças

<sup>5</sup> Dado obtido no seguinte endereço eletrônico: <http://www.laopinioncoruna.es/gran-coruna/2012/01/29/diputacion-acusa-edil-independiente-vimianzo-obtener-datos-confidenciales/575022.html>. Data de acesso: 20/08/2012.

subordinadas manifestando AC. Para Cinque (1999), advérbios são gerados em diferentes posições de especificador dentro do domínio de flexão IP, cada posição correspondendo à noção semântica comunicada pelo constituinte adverbial. Em relação às orações com um complementizador visível, podemos dizer que, tal como advérbios, o verbo finito também se encontra no domínio de flexão, já que não poderia ser alçado para a periferia da sentença em razão da presença bloqueadora do complementizador.<sup>6</sup> Nesse caso, o fato de atestarmos advérbios precedendo o verbo finito em orações que manifestam um complementizador resultaria da posição estrutural ocupada pelo advérbio dentro do domínio de flexão. Hipoteticamente, pode-se pensar que os advérbios nos exemplos de (16) a (18), por conta de seu valor semântico, são gerados num especificador localizado hierarquicamente acima de onde se encontra o verbo dentro do sistema de flexão.

Em relação às sentenças dependentes sem complementizador, a hipótese de que elas correspondem a um IP complemento prediz o mesmo tipo de comportamento atestado naquelas com um complementizador visível. De fato, se o sistema CP não se encontra projetado, é necessário assumir que o verbo permanece no domínio de flexão. Com um advérbio sendo gerado numa posição estrutural acima daquela onde se encontra o verbo, como de fato ocorre nos exemplos de (16) a (18), esperaríamos encontrar também sentenças apresentando a ordem “advérbio-verbo”. Como os dados de (13) a (15) mostram, porém, essa previsão não se confirma.

Aqui, propomos que as orações sem complementizador instanciam movimento do verbo para a periferia da sentença, implicando assim na presença do sistema CP.<sup>7</sup> Vejamos como essa hipótese explica adequadamente os fatos relativos ao comportamento de advérbios. Tendo em vista que o verbo foi alçado para um núcleo periférico, é de se esperar que ele sempre preceda advérbios. Isso ocorreria pois, como assumido aqui, advérbios são gerados necessariamente em especificadores dentro do domínio de IP. Nesse caso, independentemente de seu valor semântico, advérbios sempre estarão estruturalmente abaixo de qualquer elemento que ocupe uma posição na periferia da sentença. No caso de sentenças manifestando AC, com o movimento do verbo para o sistema CP, o resultado é que a ordem linear “verbo-advérbio” será licenciada de modo categórico, como atestam os dados.

### 3. Fusão de Núcleos no Sistema CP

Brovetto (2002) mostra que, no espanhol, orações manifestando o fenômeno de AC não admitem um sintagma deslocado à esquerda do verbo finito. De fato, esse tipo de fronteamto só é possível em sentenças introduzidas pelo complementizador. Tal restrição é exemplificada a partir do contraste em (19).

- (19) a. \**Lamento* [ *con tu trabajo, no estés contenta* ] (BROVETTO, 2002:37)  
 lamento com seu trabalho não esteja-2p.s contente  
 “Eu lamento que você não esteja contente com seu trabalho.”
- b. *Lamento* [ *que, con tu trabajo, no estés contenta* ]

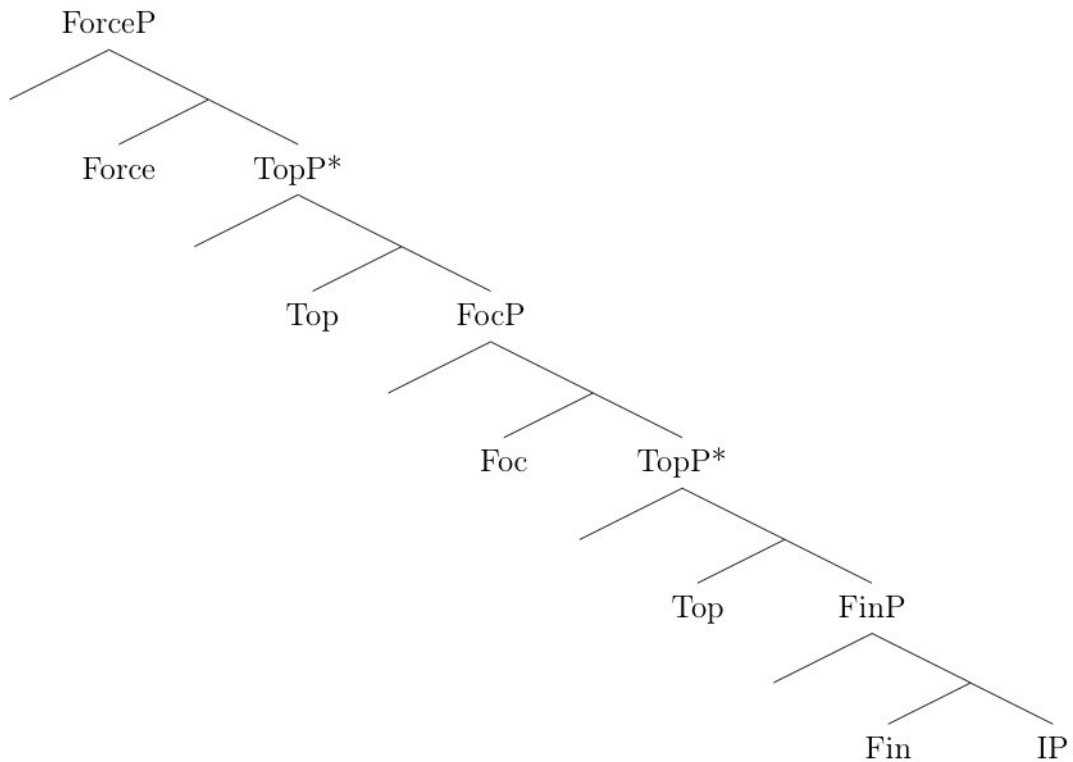
Brovetto explica essa particularidade do espanhol assumindo que, em orações com um sintagma deslocado à esquerda do verbo da oração subordinada, há uma projeção específica designada para abrigar esse tipo de constituinte. Na realidade, a autora segue a proposta de Rizzi (1997), que desenvolve a proposta de um CP cindido. De acordo com Rizzi, o sistema CP pode ser

<sup>6</sup> Assumo no presente trabalho que línguas de sujeito nulo, como é o caso do espanhol, do italiano e do português clássico, não permitem que um verbo finito permaneça em sua posição base dentro da camada VP, em razão da presença de uma morfologia verbal rica. Para diferentes implementações dessa ideia, cf., entre outros, Roberts (1993) e Rohrbacher (1999).

<sup>7</sup> Para propostas semelhantes em relação a línguas específicas, cf. Poletto (2001) e Cocchi & Poletto (2002) para o italiano e Antonelli (2011) para o português clássico.

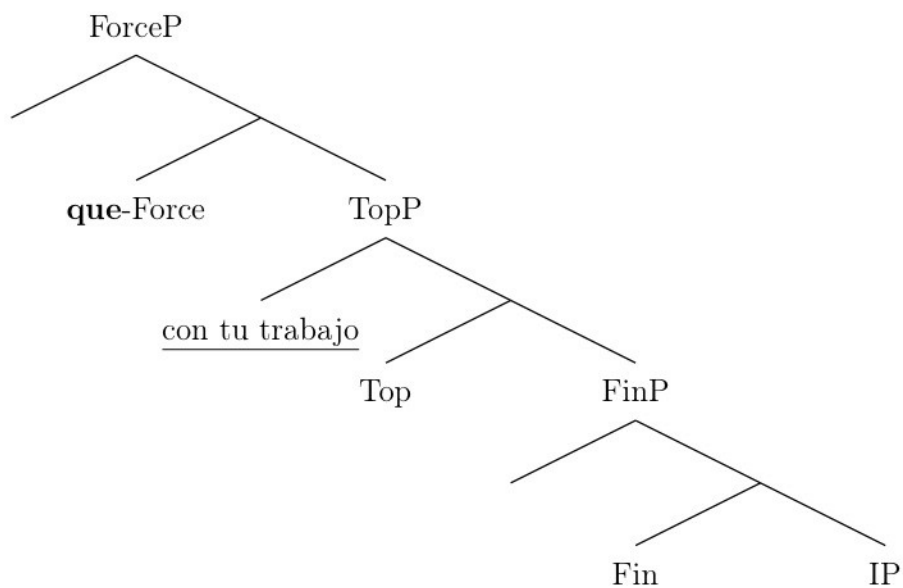
decomposto em quatro projeções distintas, tal como esquematizado em (20).<sup>8</sup>

(20)



Para Broveto, o fronteamento de sintagmas em sentenças manifestando AC ilustra uma configuração em que o complementizador é concatenado em Force, o núcleo na extremidade superior do sistema CP, precedendo, dessa forma, o XP alojado em [Spec,TopP]. Essa hipótese é representada em (21).

(21)



Segundo a análise de Broveto, a presença obrigatória do complementizador *que* em

<sup>8</sup> O asterisco nas duas projeções TopP indica a possibilidade de recursão do espaço estrutural designado para receber elementos topicalizados.

orações encaixadas com um sintagma fronteado é uma evidência de que, quando um constituinte ativa a projeção TopP (ou FocP, dependendo do valor informacional do sintagma deslocado), o sistema CP completo é projetado. Em relação a orações subordinadas que manifestam o fenômeno de AC, a proposta de Brovotto é que a periferia da sentença não é projetada, o que explicaria a razão de XPs fronteados não serem possíveis nesse contexto. De fato, nessa análise, se um sintagma pudesse ativar TopP ou FocP em sentenças que manifestam AC, a presença do complementizador *que* seria automaticamente necessária. Ou seja, para Brovotto, qualquer processo derivacional envolvendo as projeções TopP ou FocP resulta na obrigatoriedade de um sistema CP completo, incluindo-se o núcleo Force, onde se daria a concatenação do complementizador *que*.

No italiano e no português clássico, são encontrados dados semelhantes aos atestados no espanhol. Em orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementizador, o fronteamento de sintagmas é perfeitamente possível, como exemplificado em (22) para o italiano e em (23) para o português clássico.

(22) *Gianni crede [ **che** la mela Maria l'abbia mangiata ]* (GIORGI & PIANESI, 2004:197)  
 Gianni acredita que a maçã Maria a-tivesse comido  
 “Gianni acredita que a Maria tenha comido a maçã”

(23) *recear [ **que** com a vida perdesse a alma ]*

Já em orações sem o complementizador, temos um outro quadro. No italiano, por exemplo, fronteamento de um XP nesse tipo de sentença não alcança plena aceitabilidade, como se vê em (24). Em relação ao português clássico, no âmbito da nossa amostra de textos pesquisados, não atestamos exemplo algum de fronteamento de sintagmas em orações sem *que*, um fato que pode ser tomado como evidência da não aceitabilidade desse tipo de processo derivacional em sentenças manifestando AC.

(24) *??Gianni crede [ la mela tu l'abbia mangiata ]* (GIORGI & PIANESI, 2004:198)

Ante esses fatos, poderíamos estender a análise de Brovotto também para o italiano e o português clássico. Isto é, em orações com um sintagma deslocado, o complementizador seria concatenado em Force, em razão da ativação da projeção TopP ou FocP. Como vimos, na análise de Brovotto, a presença de constituintes nessas projeções discursivas exige a presença completa do sistema CP. Já no caso de orações manifestando AC, a impossibilidade de sintagmas fronteados seria o resultado da própria ausência da camada periférica CP. Ou seja, tal como no espanhol, orações sem complementizador no italiano e no português clássico também seriam casos em que a oração subordinada corresponderia a um IP complemento, e não a um CP complemento.

Esse tipo de análise, porém, se depara com um problema. Na proposta de Brovotto, como vimos, a presença do complementizador é condicionada à ativação de projeções discursivas como TopP ou FocP. Isto é, quando um tópico ou foco ativa a sua posição periférica designada, o núcleo Force é também ativado, permitindo assim a concatenação do complementizador. Disso podemos concluir que, caso nenhuma das categorias discursivas seja ativada, não haveria motivação sintática para a projeção completa do sistema CP, incluindo-se a camada ForceP. Dentro desse quadro, a previsão decorrente é que o complementizador só possa ser concatenado na periferia da sentença mediante a presença de um tópico ou foco, dado que a presença do núcleo Force estaria condicionada à ativação de TopP ou FocP. Tal previsão, porém, não se confirma, dado que, como mostram os exemplos já apresentados de (1) a (3) e repetidos novamente a seguir, o espanhol, o italiano e o português clássico licenciam orações dependentes introduzidas pelo complementizador mesmo que não haja um sintagma fronteado na periferia da sentença.



- (25) *Lamento* [ **que** no estás contenta con tu trabajo ]  
 lamento que não esteja-2p.s contente com seu trabalho  
 “Eu lamento que você não esteja contente com seu trabalho.”
- (26) *Credo* [ **che** abbia già parlato con te ]  
 creio que tenha-3p.s já falado com você  
 “Eu creio que ele já tenha falado com você.”
- (27) *entendi* [ **que** não tinham contradição suas queixas ]

Aqui, gostaríamos de propor um caminho diferente para a impossibilidade de sintagmas deslocados em orações sem complementizador. Seguindo a proposta cartográfica de que o sistema CP manifesta uma estrutura cindida (RIZZI, 1997), nossa análise assume os seguintes pressupostos:

- I) os núcleos Force e Fin são cindidos apenas se necessário, por razões de economia (RIZZI, 1997);
- II) um CP declarativo encaixado, com ou sem complementizador, sempre vem especificado com um conjunto de dois traços não valorados: um traço sentencial declarativo em Force e um traço [+ finito] em Fin.<sup>9</sup>
- III) os traços em Force e em Fin são valorados ou por um complementizador (em orações que não manifestam AC) ou pelo verbo finito (em orações que manifestam AC).

Com esses pressupostos em mente, explicaremos primeiro a razão por que sintagmas fronteados são possíveis em orações introduzidas por um complementizador. Em nossa análise, o complementizador encabeçando a sentença subordinada é concatenado diretamente em Force, exatamente como na análise de Brovotto (2002) para o espanhol. Ou seja, nesse núcleo da extremidade superior da periferia da sentença encaixada, seria concatenado o elemento *que* no espanhol, o elemento *che* no italiano e o elemento *que* no português clássico. O complementizador inserido em Force seria responsável por valorar o traço sentencial especificado nesse núcleo (indicando que a sentença é declarativa). Propomos também que, em Fin, é concatenado um complementizador homófono ao que é inserido em Force. Tal elemento, visível ou não, mas sempre presente, valoraria o traço de finitude especificado em Fin (indicando que a sentença subordinada é finita). Para o espanhol e o português clássico, a plausibilidade dessa hipótese se confirma tendo em vista que essas duas línguas admitem o fenômeno de recomplementação, um fato que pode ser entendido como um caso em que os traços de Force e Fin são valorados por diferentes complementizadores. Exemplos de recomplementação no espanhol e no português clássico são apresentados em (28) e (29), respectivamente.

- (28) *Me dijeron* [ **que** si llueve, **que** viene Guillermo ] (VILLA-GARCÍA, 2012:198)  
 me disseram que se chove que vem Guillermo  
 “Me disseram que, se chover, o Guillermo vem”
- (29) *diz* [ **q.** deus **q.** não pode perdoar pecados ] (RIBEIRO & TORRES MORAIS, no prelo)

Com relação ao italiano, a possibilidade de recomplementação não é atestada, o que poderia enfraquecer a nossa hipótese. Entretanto, cabe destacar que, em dialetos do norte da Itália, por exemplo, são perfeitamente possíveis orações subordinadas com dois complementizadores. Exemplificamos esse fato com o dado em (30), plenamente gramatical em um dialeto da região de Turim. O que se poderia dizer então é que a diferença entre o italiano padrão e dialetos regionais que admitem o fenômeno de recomplementação encontra-se na possibilidade de realizar

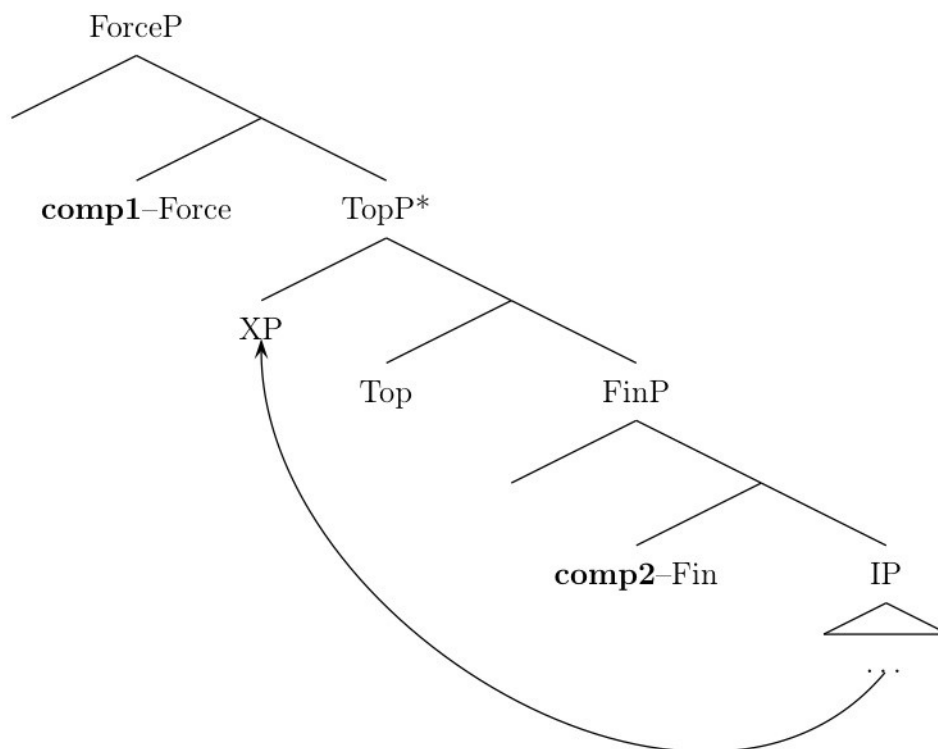
<sup>9</sup> Sobre a presença de um traço sentencial não valorado em orações dependentes, cf. Cocchi & Poletto (2002). A respeito da existência de um traço de finitude não valorado, cf. Pesetsky & Torrego (2001).

foneticamente o complementizador concatenado em Fin. Ou seja, no dialetos regionais que manifestam recomplementação, o complementizador inserido em Fin apresentaria uma matriz fonética visível. No caso do italiano padrão, a diferença é que o complementizador em Fin, embora presente, nunca seria realizado foneticamente.

- (30) *Marìa a regreta [ che Giòrs ch' as nē dēsmentia ]* (PAOLI, 2007:1062)  
 Marìa SCL lamenta que Giòrs que SCL PART. esqueça  
 “A Maria lamenta que o Giòrs se esqueça disso”

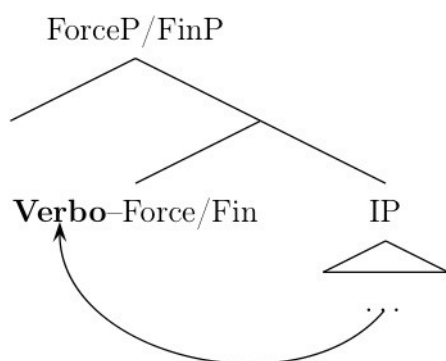
Uma vez aceita a proposta de que as sentenças que não manifestam AC sempre apresentam dois complementizadores, ainda que o elemento concatenado em Fin nem sempre seja visível, é possível dizer que, em termos estruturais, há espaço para a ativação de projeções discursivas como TopP ou FocP. Ou seja, considerando que há uma cisão entre os núcleos Force e Fin, já que seus respectivos traços seriam valorados por diferentes complementizadores, é natural pensar que a projeção de potenciais categorias entre esses dois núcleos nas extremidades do sistema CP não seja um processo barrado. Em (31), apresentamos uma representação esquemática dessa proposta, na qual o complementizador concatenado em Force recebe o rótulo de *comp1* e o complementizador concatenado em Fin recebe o rótulo de *comp2*.

(31)



Partindo agora para as orações que manifestam AC, nossa proposta é que a operação de movimento do verbo para o sistema CP seja capaz de valorar tanto o traço sentencial de Force quanto o traço [+finito] de Fin. Por razões de economia, propomos que é projetado apenas um núcleo, o qual viria especificado com os traços de Force e Fin. Uma vez que não há uma cisão entre os núcleos Force e Fin, segue-se que não há também espaço estrutural para a ativação de projeções discursivas. A consequência imediata é que qualquer tipo de sintagma especificado para uma posição discursiva periférica será impedido de ser deslocado para a camada CP. Uma representação dessa hipótese é esquematizada em (32)

(32)



Um aspecto interessante dessa hipótese é que, além de explicar a impossibilidade de sintagmas deslocados em orações manifestando AC, não é necessário pressupor a ausência de uma estrutura periférica, como assim o faz Brovetto (2002) para o espanhol. Nesse sentido, tendo em conta as evidências apresentadas que sugerem a presença do sistema CP em orações subordinadas sem complementizador, acreditamos que a nossa análise de sincretismo entre os núcleos Force e Fin ofereça uma explicação mais adequada dos fatos.

#### 4. Considerações Finais

Neste trabalho, investigamos o fenômeno de orações subordinadas finitas sem complementizador, tal como atestado no espanhol, no italiano e no português clássico. O objetivo central foi determinar se, em termos estruturais, essas três línguas caracterizam-se maneira homogênea no que diz respeito à presença ou não de uma camada periférica. Com base em fatos relativos à possibilidade de extração de sintagmas e ao comportamento linear de advérbios, mostramos que as três línguas em questão instanciam o sistema CP em orações sem complementizador. Na nossa análise, isso ocorreria em razão de movimento do verbo para a periferia da oração subordinada. Discutimos também a impossibilidade de sintagmas fronteados nesse tipo de sentença, ainda que, conforme a nossa proposta, a camada CP encontre-se ativada. Aqui, argumentamos que, por conta do movimento do verbo, ocorreria uma fusão entre os núcleos Force e Fin, os quais correspondem, respectivamente, ao núcleo da camada superior e ao núcleo da camada inferior da periferia da sentença. Como procuramos mostrar, esse tipo de sincretismo entre núcleos barra todo processo derivacional que tenha como objetivo deslocar um XP qualquer para uma projeção de importe pragmático-discursivo na periferia da sentença encaixada sem complementizador.

#### Referências Bibliográficas

- ANTONELLI, André Luis. *Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- BROVETTO, Claudia. Spanish Clauses without Complementizer. In: SATTERFIELD, Teresa; TORTORA, Cristina; CRESTI, Diana (Orgs.). *Current Issues in Romance Languages. Selected Papers from the 29th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), Ann-Arbor, 8-11 April 1999*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 33-46.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads*. New York: Oxford University Press, 1999.
- COCCHI, Gloria; POLETO, Cecilia. Complementizer Deletion in Florentine: the Interaction Between Merge and Move. In: BEYSSADE, Claire; BOK-BENNEMA, Reineke; DRIJKONINGEN, Frank; MONACHESI, Paola (Orgs.). *Romance Languages and*

- Linguistic Theory 2000. Selected Papers from 'Going Romance' 2000, Utrecht.* Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 57-76.
- DEN BESTEN, Hans. On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules. In: ABRAHAM, Werner (Org.). *On the Formal Syntax of Westgermania*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1983. p. 47-131.
- GALLEGO, Àngel. *Phase Theory and Parametric Variation*. Tese de Doutorado – Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.
- GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas Perspectivas para Antigas Questões: Revisitando a Periodização da Língua Portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHÄFER-PRIEß, Bárbara (Orgs.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-75.
- GIORGI, Alessandra; PIANESI, Fabio. Complementizer Deletion in Italian. In: RIZZI, Luigi (Org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 190-210.
- KATO, Mary; RAPOSO, Eduardo. Topicalization in European and Brazilian Portuguese. In: CAMACHO, José; FLORES-FERRÁN, Nydia; SÁNCHEZ, Liliana; DÉPREZ, Viviane; CABRERA, Maria José (Orgs.). *Romance Linguistics 2006. Selected Papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), New Brunswick, March-April 2006*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2007. p.213-226.
- PAOLI, Sandra. The Fine Structure of the Left Periphery: COMPs and Subjects. *Lingua*, v. 117, p. 1057-1079, 2007.
- PESETSKY, David; TORREGO, Esther. T-to-C Movement: Causes and Consequences. In: KENSTOWICZ, Michael (Org.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 355-426.
- POLETO, Cecilia. Complementizer Deletion and Verb Movement in Standard Italian. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo (Orgs.). *Current Studies in Italian Syntax. Essays Offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 265-286.
- RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAIS, Maria Aparecida. Doubling-*que* Embedded Constructions in Old Portuguese: a Diachronic Perspective. In: GALVES, Charlotte; CYRINO, Sonia; LOPES, Ruth; SANDALO, Filomena; AVELAR, Juanito (Orgs.). *Parameter Theory and Linguistic Change*. New York: Oxford University Press, no prelo.
- RIZZI, Luigi. *Relativized Minimality*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.
- RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Org.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.
- RIZZI, Luigi. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, Adriana (Org.). *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 3*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.
- ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- ROHRBACHER, Bernard. *Morphology-Driven Syntax*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1999.
- THIERSCH, Craig. *Topics in German Syntax*. Tese de Doutorado – Massachusetts Institute of Technology, 1978.
- TORREGO, Esther. More Effects of Successive Cyclic Movement. *Linguistic Inquiry*, vol. 14, p. 561-565, 1983.
- VIKNER, Sten. *Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages*. New York: Oxford University Press, 1995.
- VILLA-GARCÍA, Julio. Characterizing Medial and Low Complementizers in Spanish: Re complementation *Que* and ‘jussive/Optative’ *Que*. In: GONZÁLES-RIVERA, Melvin; SESSAREGO, Sandro (Orgs.). *Current Formal Aspects of Spanish Syntax and Semantics*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2012. p. 198-228.